

Empresários otimistas com o discurso

Alexandre Calais e Ana Heloisa Ferrero
de São Paulo e Campinas

A intenção do presidente Fernando Henrique Cardoso, de criar um "Ministério da Produção" que teria a função de coordenar a produção nacional, seja industrial, agrícola ou mesmo do setor de serviços, agradou os empresários. A impressão deixada pelo discurso de ontem do presidente é de que o governo deixará de centralizar a sua atuação na estabilização econômica, preocupando-se com o setor produtivo. Os empresários esperam, agora, que esse novo ministério saia do papel.

O presidente da Asea Brown Boveri, José Augusto Marques, também presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Base (Abdib), acredita que pela primeira vez o setor produtivo do País deixará de ser um "mal necessário". "Acho que o governo entendeu que a produção tem um papel fundamental na estabilização econômica", diz. Para Marques, o papel do novo órgão de-

ve ser criar condições para que as empresas tenham efetivas condições de competir, em pé de igualdade, com as empresas de fora do País.

Para isso, no entanto, é necessário também que tenha força e recursos suficientes para fomentar a produção. Se for apenas mais um órgão burocrático é melhor nem sair do papel", diz. Marques também não

gosta da idéia de um organismo formulador de políticas industriais. Acredita que isso poderia tornar-se uma camisa-de-força para a indústria.

O economista Bernard Appy, da LCA Consultores, diz que o discurso presidencial dá uma idéia de que, aos poucos, vai perdendo força a tese de que o governo deve deixar a economia inteiramente sob a regulação do mercado. "O presidente deu uma dica de que vai avançar na formulação de políticas setoriais, especialmente para exportação", diz.

Dany Rappaport, economista-chefe do Banco Santander, acredita que o novo órgão pode até sinalizar

um início de política industrial no País, embora a Camex também seja um indicador disso. "Na verdade, a crise mundial vem criando um ambiente favorável à atuação dos governos como direcionadores da economia", afirma.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Horácio Lafer Piva, disse que o que o governo deve fazer para incentivar a produção é transformar o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

num financiador do setor produtivo. "O BNDES atua hoje apenas como financiador de estados, municípios e das privatizações, o que aumenta o déficit público interno."

O presidente da Ciesp de Campinas, Alexandre Eugênio Serpa, lembrou ainda que o BNDES não poderá apenas preocupar-se com as grandes empresas. "Mais de 90% das empresas em São Paulo são de micro a médio porte e precisam ser contempladas nesses financiamen-

tos, inclusive para aumentar suas exportações", disse.

O diretor do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), Paulo Francini, diz que se o novo órgão for capaz de criar políticas ou caminhos para o crescimento da produção, será muito bom. "A fala do presidente permite que tenhamos esperança. Mas entre o dis-

curso e a prática, a distância é muito grande." Há três semanas, representantes do Iedi estiveram com Fernando Henrique Cardoso discutindo exa-

tamente a necessidade de uma política industrial no País.

Para o presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit), Paulo Antonio Skaf, o novo ministério só terá validade se tiver a força que tem hoje, por exemplo, o Ministério da Fazenda. "O governo precisa entender que os problemas do Brasil hoje são o desemprego, déficit da balança comercial e arrecadação. Problemas que só são resolvidos investindo na produção."

"O governo entendeu que o setor produtivo tem um papel fundamental na estabilização", diz Marques, da Abdib

Novo órgão pode até sinalizar um início de política industrial no País, afirma economista-chefe do banco Santander